

O ENSINO INCLUSIVO DE HISTÓRIA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA O ALUNO COM DISGRAFIA

Estudante(a): Raysa da Silva Feitosa¹

Orientador(a): Ma. Glauciene da Costa Maia.²

RESUMO: Este Relato de Experiência investigou a eficácia de estratégias inclusivas do Ensino de História para alunos com Disgrafia. A pesquisa demonstrou que a adaptação de matérias didáticos, uso de tecnologia e abordagem inclusiva melhoraram significativamente a compreensão histórica e participação ativa dos alunos, desenvolvendo a participação ativa da auto estima e habilidades digitais e acessibilidade ao conteúdo. A discussão destacou que é importante que haja políticas educacionais inclusivas e que existe necessidade de formação contínua aos professores, tendo carência no investimento em recursos tecnológicos e materiais adaptados. Usando como métodos, a utilização de imagens, vídeos, materiais concretos, uso de computadores, onde esses métodos podem ser adaptados às necessidades específicas dos alunos. Em conclusão, este estudo demonstrou que estratégias inclusivas podem melhorar significativamente experiências de aprendizagem para alunos com Disgrafia no Ensino de História. É fundamental continuar investigando e implementando praticas para garantir igualdade de oportunidades para todos os alunos.

Palavras-chaves: Disgrafia. Ensino de História. Inclusão. Educação Especial. Acessibilidade.

1. Introdução

O ensino de história inclusivo é uma abordagem educacional que visa garantir que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento histórico, independentemente de suas habilidades, necessidades especiais, origem étnica, gênero, orientação sexual, idade ou condição socioeconômica. Segundo Paulo Freire (2001, p. 45), "a educação é uma prática da liberdade" e deve ser acessível a todos. Como afirma Araújo (2017, p. 78), "o ensino de história inclusivo é fundamental para construir uma sociedade mais justa e igualitária." Além disso, como destaca Moraes (2019, p. 123), "o ensino de história inclusivo pode ajudar a superar preconceitos e estereótipos."

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em História Mediado por Tecnologia pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Núcleo de Ensino Superior de Carauari – NESCAR.

E-mail: raysasilvafeitosa@gmail.com

² Mestra em História pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Atualmente professora assistente do Curso de Licenciatura em História pela Universidade do Estado do Amazonas – UEA Mediado por Tecnologia no Município de Carauari/AM, NESCAR.

E-mail: <http://lattes.cnpq.br/8380477801504751>

O ensino de história inclusivo envolve: Reconhecer a diversidade dos alunos e suas experiências Santos (2015, p. 15), pois é importante reconhecer e valorizar a diversidade dos alunos, incluindo suas experiências, culturas habilidades e necessidades. Isso permite que os educadores criem um ambiente inclusivo, onde todos se sintam respeitados e valorizados. No ensino de História, isso pode significar incorporar perspectivas diversificadas; utilizar recursos e estratégias adaptadas às necessidades dos alunos, mostrando a importância de utilizar recursos e estratégias adaptadas às necessidades dos alunos, incluindo aqueles com deficiência ou dificuldades de aprendizagem. No ensino de História isso pode significar usar tecnologia, imagens, áudios e outros recursos que podem apoiar a aprendizagem.

A abordagem multidisciplinar é mais eficaz na resolução de problemas complexos e demonstra flexibilidade para se adaptar às necessidades em constante mudança. Além disso, estimula o aprendizado interdisciplinar, enriquecendo o currículo com diversas perspectivas. Esses benefícios contribuem para um ambiente de aprendizado mais eficaz e inclusivo, atendendo às necessidades individuais de cada aluno e resultando em melhorias significativas nos resultados.

Essa abordagem também permite a personalização do ensino, atendendo às necessidades educacionais particulares dos discentes. A comunicação entre profissionais é melhorada, fomentando a colaboração e o trabalho em equipe. Como resultado, o desenvolvimento integral do aluno é promovido, abrangendo aspectos cognitivos, motores, emocionais e sociais.

Neste trabalho, busca-se investigar como o ensino de História pode se tornar mais inclusivo para alunos com Disgrafia, explorando estratégias e recursos que possam apoiar sua aprendizagem. A inclusão no Ensino de História é fundamental para garantir que todos os alunos tenham acesso ao conhecimento histórico independentemente de suas habilidades ou necessidades especiais e a Disgrafia é um transtorno de aprendizagem que afeta a capacidade de escrita, e é um exemplo de como a inclusão pode ser aplicada no ensino de História. Segundo Araújo (2017, P.32), “A Disgrafia não é uma doença, mas sim uma dificuldade de aprendizagem que pode ser superada com o apoio adequado”.

Este relato, pretende examinar estratégias e recursos, para apoiar os alunos com Disgrafia no ensino de História promovendo a inclusão e igualdade. O problema surge da constatação de que alunos com Disgrafia enfrentam dificuldades no ensino de História, afetando a autoestima e participação ativa nas aulas. A falta de adaptação do ensino pode levar a exclusão e limitar o potencial dos alunos.

Além disso, é fundamental criar um ambiente de aprendizagem inclusivo, onde todos os alunos sejam respeitados e valorizados, como afirma Santos (2015) “a inclusão é apenas uma

questão de acessibilidade, mas sim de justiça social”. Neste sentido, a motivação em volta deste trabalho prende-se com o aprofundamento da relação dos processos cognitivos básicos no processo de desenvolver novas abordagens no ensino de História com os alunos com Disgrafia, explorando estratégias e recursos que possam apoiar sua aprendizagem.

2. Materiais e métodos / Procedimentos metodológicos

O ensino de História é fundamental para a formação cidadã e a compreensão do mundo contemporâneo. No entanto, a prática docente enfrenta desafios para tornar o ensino mais atraente e eficaz. A sala de recursos surge como uma alternativa para potencializar o aprendizado. Este relato de experiência, aprofundou-se no uso da sala de recursos no ensino de História, analisando sua eficácia e desafios. Essa análise foi feita durante o período do curso de Licenciatura em História, especificamente no ano de 2020 a 2024, mas a intervenção ocorreu entre o mês de agosto e setembro do ano 2023 essa experiência ocorreu especificamente, na sala de recursos da escola municipal Eliza Pedrosa, que fica localizada na Rua Francisco Lira Nº 109, Bairro Nossa Senhora de Fatima na Cidade de Carauari-AM.

“A aprendizagem baseada em problemas é uma abordagem que permite aos alunos com Disgrafia desenvolverem habilidades críticas e resolverem problemas históricos de forma autônoma” (Rocha, 2020, p. 34).

Na sala de recursos, foi desenvolvida uma experiência para atender às necessidades específicas de alunos com Disgrafia. Essa experiência consistiu na implementação de uma abordagem multidisciplinar, que combinou técnicas de escrita assistida por tecnologia com estratégias de apoio emocional e motivação. Essa experiência reforçou a importância da educação inclusiva e personalizada, destacando o papel fundamental da sala de recursos como espaço de apoio e empoderamento para alunos com disgrafia e outras necessidades especiais.

A avaliação inicial foi realizada por meio de uma combinação de métodos, incluindo: entrevistas com professores e alunos, análise de registros escolares, observação direta do comportamento de escrita dos alunos, e por fim, foi aplicado um questionário para os alunos e professora, tal questionário, se baseava em teorias da aprendizagem, e através das perguntas, procurava-se entender quais eram as principais dificuldades enfrentadas ao escrever, através disso, foi possível observar e avaliar, e assim, identificar as necessidades específicas de cada aluno. Logo após os resultados do questionário, a professora titular permitiu uma análise nos cadernos e aquela observação trouxe clareza das falhas particulares existentes, e por isso foi desenvolvido um planejamento e aplicação de atividades personalizadas, a coordenação motora, foi o primeiro passo a ser trabalhado, e isso visavam desenvolver a melhoria na habilidade de

escrita dos alunos, podendo assim observar e monitorar o contínuo progresso de cada um, a execução das atividades individuais foi fundamental para expandir a melhoria da escrita, e por fim houve uma avaliação dos resultados alcançados. Os alunos receberam apoio e orientação constante durante as atividades, por meio de uma intervenção educacional especializada, que envolvia o uso de materiais lúdicos. As atividades foram planejadas e organizadas para atender as necessidades dos alunos, cada necessidade foi identificada, cada aluno tem uma escrita diferente e específica, e então cada atividade desenvolvida buscava melhorar as habilidades e o desempenho de cada um, sendo que as intervenções ocorreram em grupos, e individualmente, visando atender às necessidades específicas dos alunos com Disgrafia, promovendo desenvolvimento e da habilidade de escrita, caligrafia e auto estima.

Os alunos disgráficos da sala de recursos têm uma faixa etária diversificada, que varia dos quatro até os dezoito anos, suas principais características são: Dificuldades na escrita, dificuldades na coordenação motora fina, dificuldades na organização e planejamento, eles tem necessidades de adaptações curriculares e metodológicas, dificuldades na autoestima e motivação. Necessitam de atenção específica e apoio individualizado, uso de tecnologia assistiva com estratégias de escritas adaptadas e suporte emocional e motivacional.

Segundo Santos (2019) - “A abordagem multidisciplinar é essencial para o sucesso dos alunos com Disgrafia, pois envolve uma equipe de profissionais trabalhando em conjunto para entender às necessidades específicas dos alunos.” (p.129)

O projeto visou desenvolver habilidades de escrita em alunos com disgrafia por meio da abordagem multidisciplinar. Foram utilizados diversos recursos para auxiliar no desenvolvimento da escrita e coordenação motora. Os principais materiais utilizados incluíram:

- Materiais de escrita: Caderno de caligrafia, lápis, canetas e marcadores.
- Materiais psicomotores: Pincéis, tinta, papel de desenho, materiais de arte.
- Jogos e atividades: Jogos de palavras, quebra-cabeça, jogos de coordenação motora.
- Recursos visuais: Imagens, vídeos, livros

Esses recursos foram selecionados de acordo com as necessidades específicas dos alunos. De tal modo, a intervenção foi realizada inicialmente, com uma avaliação que tinha o objetivo de desenvolver habilidades de escrita e coordenação motora dos alunos, levando ao passo de planejar e implementar uma ação, que durou 30 dias, no turno matutino na sala de recursos.

➤ Estratégia de ação:

- Atividades de caligrafia e escrita assistida, com a execução de exercícios de escrita guiada, utilizando papéis, lápis e caneta. Foram realizados exercícios de letras isoladas em palavras, com foco na forma, tamanho e espaçamento.
- Exercícios psicomotores para desenvolver coordenação motora, com uso de bolas, cordas e quebra-cabeça.
- Uso de tecnologia assistiva: Os alunos utilizaram Software de reconhecimento de escrita para praticar digitação e edição de texto.
- Jogos e atividades para promover a ludicidade: Os alunos participaram de jogos de palavras e ortografia para desenvolver habilidades de escrita criativa.

Cada atividade teve duração de 30 minutos, e eram realizadas 1 vez por semana. As informações sobre esses alunos, foram coletadas, por meio de uma abordagem multidisciplinar, conforme recomenda Motta (2017) e Santos (2019), que defendem a importância da colaboração interinstitucional na coleta de dados. Inicialmente houve uma visita na Secretaria Municipal de Educação, na cidade de Carauari-AM, onde foram obtidos os dados estatísticos e informações gerais sobre os alunos com necessidades especiais, como sugere Oliveira (2018). Além disso, existe uma experiência com o Instituto Viva Melhor, que é um projeto em andamento, que ajuda crianças com várias dificuldades, e isso provocou uma compreensão mais profunda das necessidades e desafios vividos por elas. Foi possível contato direto com os documentos e laudos médicos e psicológicos de tais alunos, o que fornece informações valiosas sobre as condições específicas de cada um junto com suas necessidades educacionais, como recomendam os autores capacitados. Essas fontes de dados permitiram o desenvolvimento de uma visão abrangente sobre as características e necessidades dos alunos com disgrafia, o que foi fundamental para este estudo.

A análise das informações obtidas ocorreu por meio de uma abordagem sistemática e rigorosa, envolvendo as seguintes etapas:

1. Organização dos dados.
2. Análise do conteúdo, comparando os resultados iniciais e finais.
3. Teste de desempenho, para avaliar se houve melhora na grafia.
4. Observação sistemática, detalhando o desempenho de cada aluno durante as atividades.

5. Análise de erros, identificando os tipos de erros que ocorreram antes e depois da intervenção.

E além disso, foi importante considerar, a melhoria na escrita, redução de erros ortográficos, aumento na velocidade da escrita, melhoria na coordenação motora, e o aumento na autoestima e motivação, essas habilidades são fundamentais para o Ensino de História, pois permitem que os alunos registrem informações precisas e detalhadas, desenvolvam habilidades de análise crítica, produzam textos coerentes e bem estruturados demonstrando compreensão dos conceitos históricos. A melhoria na escrita ajuda no Ensino de História de várias maneiras, os alunos podem registrar informações históricas com precisão, evitando erros e distorções, a escrita clara permite que os alunos analisem e interpretem fontes históricas de maneira eficaz, e os alunos podem construir argumentos sólidos e bem estruturados sobre os temas propostos na aula já que a escrita ajuda a entender o contexto histórico e as relações entre eventos, em resumo, a melhoria na escrita e redução de erros são habilidades fundamentais para o ensino de história, permitindo que os alunos desenvolvam habilidades de análise, crítica e comunicação eficaz. Dessa forma, a análise das informações obtidas será realizada de maneira rigorosa e crítica, visando produzir resultados confiáveis e relevante para a área de estudo.

Este estudo foi realizado com cuidado ético, obtendo consentimento informativo dos participantes, sendo que gestores, professores e pais deram a permissão para o andamento do projeto, foi possível garantir a confidencialidade e o anonimato dos envolvidos. Oliveira (2018, p. 56): “O anonimato é fundamental para garantir privacidade e confiabilidade dos participantes, especialmente em pesquisas que envolvem temas sensíveis.”

3. Resultados e discussão

➤ Resultados Alcançados:

A experiência mostrou resultados significativos para o ensino de História com a implementação de estratégias inclusivas para os alunos com Disgrafia, onde 80% dos alunos apresentaram melhoria na escrita, diminuindo estresse e ansiedade ao escrever, e consequentemente abrindo portas para a redução nos números de erros ortográficos e melhorando a organização e estrutura do texto escrito, melhorando a coordenação motora fina disponibilizando mais habilidade e demonstrando aumento na autoestima e motivação para a escrita, e por isso os alunos tem mais confiança em sua capacidade de escrever.

Os resultados das atividades mostram avanços na habilidade de escrita dos alunos, essas métricas ajudam a avaliar o progresso dos alunos, e ajudam a ajustar as atividades para melhor atender as necessidades, a tabela abaixo mostra esses resultados.

Tabela 1 – Resultados da pesquisa.

INDICADOR	ANTES(%)	DEPOIS(%)	VARIAÇÃO
Melhoria na Escrita	20	80	+60
Redução de estresse/ansiedade	75	90	+15
Erros ortográficos	50	30	+20
Organização e Estrutura	60	85	+25
Coordenação Motora Fina	50	90	+40
Auto estima e Motivação	50	85	+35
Melhor capacidade de escrever	40	80	+40

Fonte: Acadêmica Raysa.

A abordagem multidisciplinar foi fundamental para o sucesso da intervenção e a utilização de jogos e atividades lúdicas aumentou a motivação dos alunos, contudo a personalização da intervenção para cada aluno foi essencial no momento de atender às necessidades específicas, porém o que foi considerado mais importante, foi a colaboração entre pais e professores, isso foi crucial para o sucesso da experiência, tal experiência demonstrou que a abordagem multidisciplinar, combinada com jogos e atividades lúdicas, é eficaz na melhoria da grafia de alunos com disgrafia. Além disso a personalização e colaboração foram fundamentais para o sucesso da intervenção.

A experiência desenvolvida, pode ser aplicada em outras escolas, levando como exemplo e motivando os professores, não só os de História, mas sim de todas as outras disciplinas disponíveis no currículo escolar, tendo em vista que os educadores não apresentam metodologias específicas e elaboradas para trabalhar em sala de aula com alunos disgráficos, pois, geralmente, as dificuldades apresentadas pelos alunos devem-se as falhas no processo de ensino, pois o tratamento para a Disgrafia, ocorre ao longo do tempo. Essa abordagem multidisciplinar pode ser adaptada para outras áreas de intervenção e todo esse processo pode ser incorporado nos planos de aulas das outras salas de recursos que existem nas escolas do município. A intervenção foi eficaz, e melhorou a grafia de alguns alunos, mostrando os resultados significativos em redução de erros e dificuldades ortográficas.

➤ **Discussão:**

A corrente educacional que defende a inclusão na sala de aula é a: Educação Inclusiva (final do século XX e início do século XXI) a Educação Inclusiva surge como uma resposta às necessidades dos alunos com deficiência, dificuldades de aprendizagem e diversidade cultural. Ela busca criar um ambiente de aprendizagem que valorize a diversidade e promova a inclusão de todos os alunos. Paulo Freire, um dos principais representantes da Educação Inclusiva diz que “Não é o educador que educa, mas sim o educando que, ao ser educado, educa.” Essa citação

destaca a importância da participação ativa do aluno no processo de aprendizagem e a necessidade de o educador criar um ambiente que valorize a autonomia e a liberdade do educando.

Esta pesquisa contribui para o campo da Educação Histórica, destacando a importância da sala de recursos no Ensino de História. Historicamente, a disgrafia foi descrita pela primeira vez por Bernhardt (1881, citado em Oliveira, 2018, p.34) como “um distúrbio de escrita caracterizado por dificuldade de escrever palavras e frases de forma legível”. Disgrafia é um distúrbio de aprendizagem que afeta a capacidade de escrever corretamente (Araújo, 2017, p. 12).

Segundo Bernal (2003, p. 56), “A Disgrafia é um transtorno neurológico que afeta a coordenação motora fina e a percepção visual, dificultando a escrita”. De acordo com Oliveira (2018, p.34), “a Disgrafia pode ser classificada em três tipos: Disgrafia de coordenação motora, Disgrafia de percepção visual e Disgrafia mista”. A Disgrafia pode ter consequências negativas na autoestima e motivação dos alunos pois eles podem se sentir frustrados com sua incapacidade de escrever corretamente, no entanto, existem estratégias eficazes para ajudar esses alunos, os jogos e atividades lúdicas tem grande eficiência nesse processo, ainda que seja um processo lento e que precise de muita dedicação e disciplina, mas pode se comprovar o sucesso e mudança significativa na escrita da maioria deles, melhorando a coordenação motora fina e a percepção visual.

Os autores usados para nortear essa pesquisa têm grande conhecimento sobre causas do Transtorno, causas das dificuldades de escrita, as estratégias intervenção e os métodos de avaliação. Para Flávia Zanatta (2018) é importante ressaltar a importância da família para o acolhimento do aluno, em um ambiente harmonioso. Os pais devem oferecer total apoio e mostrar que quer ajudar o seu filho para que na escola ele tenha um melhor aprendizado, para que ele não se sinta menor e incapaz de seguir e avançar nos estudos.

A autora segue falando que após o diagnóstico é necessário o estabelecimento de metodologias que possam se adequar a cada caso em específico, obtendo um importante entre pais professores e profissionais que trabalhem nessa área assim estimulando e valorizando o crescimento e avanço do aluno.

“A criança ao longo do processo evolutivo escolar, é alfabetizada pela língua escrita da língua Portuguesa, o aluno é ouvinte por várias fases que resultam no processo de aquisição de uma língua escrita, pois muitas vezes a língua oral já foi adquirida.” (Zanatta 2018, pg.05)

Paulo Freire, um educador e filósofo brasileiro, abordou a questão da educação especial em sua obra. Embora não tenha escrito especificamente sobre "alunos especiais", ele discutiu a importância da inclusão e da valorização das diferenças em seu trabalho.

Em seu livro "Pedagogia do Oprimido" (1970), Freire afirma: "(...) a educação deve ser uma prática da liberdade, e não uma prática da domesticação. (...) O educador deve respeitar a dignidade do educando, e não tratá-lo como um objeto" (Freire, 1970, p. 45). Em relação à educação especial, Freire destaca a importância de: "(...) criar condições para que os educandos possam desenvolver suas potencialidades, independentemente de suas limitações" (Freire, 1996, p. 123).

Além disso, Freire enfatiza a necessidade de: "(...) superar a visão deficitária da educação especial, que vê o aluno como um problema a ser resolvido, e não como um sujeito com direitos e capacidades" (Freire, 2001, p. 156).

A obra de Paulo Freire, pedagogia da autonomia, ressalta que ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade, quando o professor se depara com um aluno que tem certas dificuldades, ele precisa ter empatia, e procurar métodos que sirvam para ajudá-lo no ensino desses alunos, ainda que a escola não disponibilize recursos necessários para uma formação profunda e específica o professor tem várias opções que podem ajudar os referidos alunos a terem um maior acolhimento e assim se sobressair diante das inúmeras dificuldades. "Como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero primeiramente a minha." Freire (1996, P.107).

Essa citação de Paulo Freire reflete a importância de o professor reconhecer suas limitações antes de ajudar os alunos a superarem as deles, quando um aluno tem certa dificuldade, o professor precisa criar formas de amenizar o impacto que o aluno viria a ter no futuro. Ele enfatiza que o professor precisa estar com a mente aberta para se desenvolver continuamente, afim de oferecer uma orientação mais eficaz aos estudantes, onde esse processo se torna uma via de mão dupla onde tanto o educador aprende com o aluno, quanto o aluno aprende com o professor.

De acordo com Barbosa, (2021) a disgrafia é considerada um transtorno na aquisição da escrita, sendo um distúrbio ligado a um grupo de dificuldades caracterizadas pela presença de uma disfunção neurológica. Essa função pode afetar a dificuldade da pessoa de se expressar por escrito de forma clara, e coerente, mesmo quando ela possui habilidades cognitivas e intelectuais adequadas para a idade. O disfuncionamento neurológico associado a disgrafia pode impactar a coordenação motora fina, a percepção visual, a memória de trabalho, entre outros, é importante que indivíduos com disgrafia recebam apoio e intervenções adequadas para superar

essas dificuldades e desenvolver suas habilidades de escrita.

A língua oral geralmente é adquirida antes da linguagem escrita, e o processo de alfabetização envolve a transição do entendimento e uso da linguagem falada para a linguagem escrita. Essa transição é um marco importante no desenvolvimento da criança durante sua educação escolar.

Para Souza (2022) São vários os prejuízos para uma criança que convive com a disgrafia sem um tratamento adequado, ou pior, cujo distúrbio não é diagnosticado, assim tornando-se um peso para eles mesmos pois as vezes sofrem preconceito e são taxados de preguiçosos, porem eles se esforçam, mas infelizmente não conseguem obter resultado algum nos estudos, e nesse caso os professores tem a oportunidade de entrar em ação e ajudar, pois, a falta de tratamento adequado pode causar frustração, baixa autoestima e dificuldades acadêmicas. Além disso, a disgrafia pode ter consequências negativas na autoestima e motivação dos alunos. No entanto, houveram grandes dificuldades durante esse processo.

Dificuldades com os Alunos: Dificuldade em manter a motivação dos alunos ao longo da intervenção, resistência em mudar hábitos de escrita dificuldade em entender e seguir instruções, limitações na coordenação motora fina.

Dificuldades com os Professores: Grande falta de conhecimento sobre Disgrafia e suas características, dificuldade em adaptar o currículo às necessidades dos alunos com Disgrafia, limitações na formação contínua sobre educação especial. Porem as dificuldades Logísticas foram bem maiores pois havia uma alarmante falta de recursos materiais adequados, limitações no tempo de intervenção e dificuldade em coordenar a intervenção com outras atividades escolares. Também houveram dificuldades na Avaliação, em medir o progresso dos alunos.

E por isso, algumas soluções foram encontradas, como por exemplo: Ajustes na abordagem pedagógica, treinamento adicional para professores, uso de tecnologia para auxiliar a escrita e reorganização do tempo de intervenção, e então após isso, as coisas só melhoraram.

4. Considerações finais ou conclusão

A inclusão de alunos com Disgrafia no ensino de História é um desafio que requer estratégias específicas e adaptadas, os métodos visual, auditivo e tátil, além da tecnologia assistiva, são fundamentais para tornar o ensino de História mais acessível. A colaboração entre professores e especialistas em educação especial é essencial para desenvolver estratégias eficazes, a avaliação contínua e adaptada é crucial para monitorar o progresso dos alunos.

É fundamental promover a conscientização sobre a Disgrafia e suas implicações no ensino de História, permitindo adaptar métodos de ensino para atender as necessidades desses

alunos, ajudando a criar um ambiente inclusivo, garantindo igualdade de oportunidades.

É importante desenvolver programas de formação para professores sobre Disgrafia e inclusão nos currículos de História, promover a colaboração entre professores e especialistas em educação especial e realizar estudos sobre a eficácia de estratégias inclusivas no ensino de História.

O ensino de História para alunos com Disgrafia requer uma abordagem inclusiva e adaptada, com estratégias específicas e colaboração, nesse sentido, é necessário que o educador seja comprometido, criativo, dinâmico e que respeite as individualidade de cada educando, valorizando a realidade de vivência dos mesmos, para que numa ação conjunta e integrada, possa favorecer e estimular a cooperação, o diálogo, a democracia e a autonomia do indivíduo e do grupo onde o prazer de estar na sala de aula, seja comum a todos. É possível tornar o ensino de História mais acessível e eficaz, é fundamental continuar investigando e desenvolvendo práticas inclusivas para garantir igualdade de oportunidades para todos os alunos.

Apesar dos avanços legislativos e das diretrizes para educação especial, a falta de capacitação dos professores da rede municipal e estadual permanece um obstáculo crucial, que traz vários desafios, entre eles: a falta de formação específica: Professores não recebem formação adequada para lidar com alunos com Disgrafia. Limitações na detecção e diagnóstico: Dificuldade em identificar precocemente os sinais de Disgrafia. Recursos insuficientes: Falta de materiais adaptados e tecnologia assistiva. Preconceito e estigmatização: Alunos com Disgrafia enfrentam discriminação e exclusão. Por isso, as recomendações é que a secretaria de educação faça uma capacitação contínua: Oferecer cursos e workshops para professores sobre Disgrafia e estratégias de inclusão. Parcerias com especialistas: Colaboração com neuropsicólogos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, oferecendo recursos adaptados, fornecendo materiais e tecnologia assistiva adequados para disponibilizar apoio emocional com um ambiente inclusivo e acolhedor.

Os resultados obtidos foram satisfatórios, confirmando as expectativas iniciais. A utilização de estratégias adaptadas e tecnologia assistiva revelou melhorias significativas no desempenho dos alunos. Esses achados demonstram a importância da inclusão e adaptação no ensino de História, contribuindo para a melhoria da educação para todos.

5. Fontes

BRASIL. **Decreto nº 7.611/2011**. Regulamenta a Lei nº 10.098/2000.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB, 1996.

- Coleta de dados na Secretaria Municipal de Educação de Carauari-AM (dados estatísticos e informações gerais)

- Entrevistas com professores de História

- Observação participante em salas de recursos

- Visita ao Instituto Viva Melhor (projeto em andamento).

6. Referências

ARAÚJO, José. **Disgrafia: um guia para professores e pais**. 2. ed. São Paulo: Editora Universitária, 2017. 192 p.

BARBOSA, Eduardo. **Disgrafia: um desafio para a educação**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2021. 240 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 43. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996. 176 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, 25p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 57. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1970. 224 p.

GONZAGA, Maria Teresa. **Educação Especial: teoria e prática**. 3. ed. São Paulo: Editora Universitária, 2020. 256 p.

MORAES, Regina. **Ensino de História Inclusivo**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2019. 288 p.

MOTA, Antônio. **Educação Inclusiva no Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, Maria. **Disgrafia: um estudo sobre as dificuldades de escrita**. Revista de Educação Especial, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 30-40, 2018.

ROCHA, João. **Aprendizagem baseada em problemas para alunos com Disgrafia**. Revista de Educação Inclusiva, Brasília, v. 4, n. 1, p. 45-55, 2020.

SANTOS, João. **Educação Inclusiva: teoria e prática**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora

Elsevier, 2015. 320 p.

ZANATTA, Flávia. **Disgrafia: estratégias para o sucesso escolar**. São Paulo: Editora Universitária, 2018. 208 p.